



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Bandarra
Provas Ineditas

Londres
1815

~~324 d. 22~~

Vel. port III A 38



2 No

Estaaate f
Prateleira

K7231

T r o v a s

"

Ineditas de Bandarra

Natural da Villa de Francoza.

Que exestião em poder de Pacheco Comtemporaneo
de Bandarra e que se lhe acharão depois de
sua morte.

L o n d r e s .

M D C C C X V .



Introdução.

Com grande satisfação receberão, todos os Portuguezes, assas Cinceros, e prudentes, as trovas de Gonçallo Annes Bandarra, impressas em Barcellona em 1809 sobre a edição de Nantes de 1644. Juntandose, a esta edição outras, trovas que nunca se tinham impreço pella defficultdade que havia de se não acharem.

IV

Ficando porem ainda o ardente dezejo em muitas pessoas de verem impresso o resto (de que havia noticia de sua existencia) de todas as trovas de Bandarra; porquè como este hia profetizando, em diversos tempos duraute a sua vida; igualmente por este motivo, appareião em diversos tempos, e lugares, e em poder de algumas pessoas, como se vio (por exemplo) na edição de Nantes de 1644 não se ímpremirão senão, aquellas trovas, por que não apparecerão as que se ímpremirão, em Barcelóna em 1809 (que fazem a 2^a e 3^a parte des ta obra) as quaes são, as que se achárão em poder do Cardeal Nuno da Cunha, e as que tinha o Commissário do Santo officio Domingos Furtado de Mendonça: e agora depois que se fez a edição acima ditta de 1809, se acharão na livra-

ria do Ex^{mo} Sñr..... (omito o seu nome por motivos particulares) em manuscrito muito antigo! todas as profecias de Baudarra, não só as que se achão já impressas, nas duas edições que já dicemos, mas tãobem as trovas de que havia noticia, que tinhão ficado em poder de Pacheco, amigo, e contemporaneo de Baudarra, que mereceo a este tanto conceito, que foi digno de responder a quelle às perguntas que lhe fazia, cujas respostas que Baudarra fez a Pacheco são as que se achão na edição de Barcelona de 1809 des de paginas 60, até, 66. e como esta obra estava incompleta, e pella sua natureza merece muita reflexão a todas as pessoas discretas e assas prudentes; a rogos destes pois hé que me determinei a mandar imprimir, as trovas que o dito Pacheco

VI

tinha em seo poder , ficando desta sorte completa a edição desta obra toda , de que há noticia que Bandarra profetizou, assim como tãobem, completos os ardentes desejos de todos os Portuguezes Ficis, Cinceros, e Honrados, como eu que me prézo deser hum. —

Leal Portuguez.

Quarta parte das Trovas
de Bandarra.

1.

Os tempos com crueldade
Começar-se hão a mover,
Se me não engana a verdade
Ali perderão seo ser
No meio de certa idade.

2.

Virà gozando de paz
Aquelle pastor valente,
Hum lobo que guerra faz
Moverà toda a gente
Com huma lingua sagaz.

3.

Logo nas mãos o pastor
Seu cajado tomará,
Sem mostrar nenhum temor
Contra os lobos que achará
Revestidos de rigor.

4.

Nelles fará tal destroço
Que será couza de espanto,
Como bravo Touro em cosso
Logo perde tudo quanto
Tinha como partor moço.

5.

Já vejo que se desterra
Este pastor sem ventura,
Da patria rebanho, e terra
A huma larga Sepultura
De huma frondoza serra,

6.

O manço gado que em páz
Pella ribeira regia,
Já desgovernado traz
Triste sò sem companhia,
Que hum mão concelho faz.

7.

E logo outro pastor
Do pouço gado qué achár,
Serà absoluto Senhor,
E serà em quanto durar
A fortuna, e seo rigor.

8.

Serà pastor estrangeiro
O que reja o manço gado
Que taõ bravo foi primeiro
Mas ai que falta o malhado
Que era o principal Carneiro.

9.

De pois que por tempo largo
Este pastor governar
A este rebanho amargo,
Outra vez hà de tornar
A ter o que tinha o cargo.

10.

Haverà novos sinaes
Da parte deste pastor,
Thé os mesmos anímaes
Por seu natural Senhor
Darão suspiros, e ais.

11.

Tornarà a quebràda linha
No Cábo de certa idade,
A en cher-se como pinha,
E descobrirà a verdade
Do que encuberto tinha.

12.

Sem pena que damno faça
 Tornará pella ribeira
 Pastar o gado na praça,
 Por ultima, e derradeira
 Dos fados Supréma traça.

13.

Tornarei a recolher
 Esta ovelha perdida
 A patria que lhe deu ser,
 E porei por ella a vida
 Sem nunca des falecer.

14.

Então não me mudarei
 Pois conheceis que sou vosso,
 Minha ovelha estimarei
 Pois de outro modo nao posso
 Alma, e vida lhe darei,

15.

Haverà em triste Cidade
 Grande fome peste, e guerra,
 Que a Escritura a não erra
 Que em tudo falla verdade.

16.

De longas terras virão
 Dois Leons mui asanhados
 Hum de Cruz, e outro não
 Vingarão males paçador.

17.

Serão à força da espada
 Destruidas mil provincias,
 Na Luzitania assollada
 Terão fim roubos, e malicias.

18.

Na era de quarenta, é hum
 De Janeiro por diante,
 Darà fio ao seo montante
 Aparelheco cada hum;

19.

O' nosso Christianismo
 Nossa grande Obrigação,
 Não temos mais de Christão,
 Do que o nome do Baptismo.

20.

Fazemos dos dias noites
 Vivendo como agrestes,
 Haverà castigo, e aqutes
 Cada qual se faça prestes.

21.

Espantozos movimentos
 Havemos cedo dever,
 E antes de muitos tempos
 Ha de isto de acontecer.

22.

Não haverà em Hespanha
 Lugar preveligiado,
 Tudo serà assollado
 Dessa gente de Alemanha.

23.

Todos os lugares planos
 Por terra serão prostrados,
 Muitos males, muitos damnos
 Haverà pellos peceádos.

24.

As Serras se habitarão
 Eos Oiteiros mais altos,
 Muitas Gentes sahirão
 Outros andarão em Saltos.

25.

Andarão como pasmados
 Chorando pellos caminhos,
 De suas terras lançados
 De parentes, evesinhos.

26.

Então não haverà amigos,
 Nem pay que por filho seja,
 O mais seguro abrigo
 Serà acolherse à Igreja.

27.

Nesses tempos os meninos
Ainda que innocentes,
Terão tãobem accidentes
Muito fora dos Caminhos.

28.

Haverà peregrinaçoens
Mortes sem conto de dura,
Males fogos devisoens
Só Deos lhe póde dar cura.

29.

Ha de ser Rey quem fôr
Que em Deos está o saber
O bom, o São, o melhor
Só elle o sá de escolher.

30.

Por particnlar enteresse
Tem chegado o mundo atanto,
Triste do que lhe parece
Que háde bastar falçomanto.

31.

Os povos hão de alintar
 As culpas dos seus Monarchas,
 Que sem nenhum estudar
 São Letrados, e Patriarchas.

32.

Nos Ceos haverà sinaes
 Na Terra não faltarão,
 Tormentos pennas, e ais
 Que aos Ceos penetrarão.

33.

E depois do Leão morto
 Não sem falta de mistério,
 Aportará neste porto
 Outro com maior Império.

34.

Entrará com companheiro
 Na terra dos Luzitannos,
 Cada qual bom Cavalleiro
 Destruirão os Arriannos.

35.

Tempos traz tempos virão
 Que os Grandes serão baixados
 Os pequennos exaltados
 Povo, e Rey governarão.

36.

E depois de tantos males
 Fomes, pestes devisoens,
 Cheios os montes, e Valles
 De tristes peregrinaçõens.

37.

Tornará o Redemptor
 A olhar por seo rebanho,
 E teloha com muito amanho
 Como bom Rey e Senhor.

38.

Escâpará pouca gente
 De tão perigoza dança,
 Virá tempo de bonança
 Quem viver será contente.

59.

Vejo vir grandes baleias
 Pella cofta de Biscaya
 Gaia gaia da vezinha praya
 Que lhe tingem as areias.

40.

Eis là contra a Norúega
 Raios, Cavallos, Golfinhos,
 Com que preça que navega
 Tanta Cópia de Marinhos.

41.

Vejo milhoens de Relampagos
 Trovoens que rompem os ceos
 Nuyems de mui grandes véos
 Coriscos grandes expantos.

42.

Que mancebo tão formozo
 Dà Luz a todo o Emisfério,
 Rosto mui digno de Império
 Forte, fero, e gracioso.

43.

Iá por força toma a Seôra
 Cercado de Leons bravos,
 Oh que unhas dentes quebrados
 Teme, e treme toda a terra.

44.

Mil rapozas vão diante
 Buscando grutas, e còvas,
 A Lebres, Coethos dão novas
 Que fujão de tal semblante.

45.

Deseançame a vista vendo
 Hirse o tempo já chegando,
 E estarse a Alma alegrando
 Com o que vejo, e entendo.

46.

Venha embora o'Leão forte
 De tantos accompanhado,
 Que affirmão, e tem jurado
 Que em que lhe custe a morte
 O hão de ver coroado.

47.

Que grandes arriboens
São Atums, ou são Sardinhas,
Majores são que Barquinhas
São Nãos, boms Galioens.

48.

Parece que seo caminho
Hé direito a Portugal
Ai se eu mal não advinho
Não vño carregar de Sal.

49.

Que rostos, corpos, e armas,
Quanto fogo, e quanto asso,
No rosto gente do Passo
E Soldados nas Bisarmas.

50.

Ora quero - lhe dizer
Esta cá occupáda a Terra,
Mas poderão responder
Se hé gente de paz, ou guerra.

51.

Hé gente que em si eucerra
 E a quillo que diz não faz,
 Diz guerra, ordena páz
 Pergoa paz, e faz guerra.

52.

O Seo Rey quer ser Monarcha
 E toda a Terra pertende,
 Tudo abrange, e tudo abarca
 E do díreito não pende.

53.

Vinde eà Rey Soberanuo
 Quero vos dezenganar,
 Lembro - vos que sois humanno
 E que tudo hade acabar.

54.

E que na postreira hora
 Quando o mal já estiver feito,
 Enão possa ser desfeito
 Treme olma, e emvão chora.

55.

Lembre vos o que aconteceo
A Tholedo com o pay
Que já cada hum lá vay
E não sei qual pa. o ceo.

56.

Quereis vós a Portugal
Sendo elle nome macho
Aiuda mal por que lhe acho
Muita fémea, e pouco Sal.

57.

Se quizerdes por direito
Deixarse há elle torcer,
Mas forçado hé máo geito
Para se deixar vencer.

58.

Vejo vosso damno perto
Hireis perdendo o reynádo
Etão bem tende per certo
Morrerdes desconseládo

59.

Luzitanna hé chamãda
 A Dama que dezejaés,
 Ella hé dantes despozada
 Perseguilla hé por demais

60.

Ainda que em caza tem
 De Ulices tantos povos,
 Hir-se hão como os porcos
 Ante o Leão que vem.

61.

Esta profecia hè bella
 Mui certa e verdadeira,
 Quem tiver boa terceira
 Gozarà a Sabia Donzella.

Fim da quarta parte.

Quinta parte das Trovas
de Bandarra.

1.

Quando de noite me ponho
A dormir sem me benzer,
Tudo o que háde acueder
Se me representa em Sonho.

2.

Sempre mandei esrever
Aquillo que me lembrou,
Porque a memoria a postou
De tudo se esquecer.

3.

Nas Trovas que tinha feito
Muito há que conciderar,
Como o seo tempo chegar
Se vera o meo conceito.

4.

Sempre por thezoiras faço
As minhas contas mui certas,
Portas que hão de estar abertas
Não são boas para o paço.

5.

Eu não sou Profeta inteiro
 E menos na minha terra,
 Mas vejo vir pella Serra
 Atraz de hum Lobo hum Cordeiro.

6.

O Sol pello meio dia
 Faz o effeito de Geada,
 Vejo partir huma armáda
 Corregáda de agua fria.

7.

Huma grande tempestade
 Com o céo muiclaro, e Serenno,
 Fará hum hommem moreno
 Com rezão mas sem piedade.

8.

A minha trepeça tem
 Trez péz mui bem seguros,
 Vejo frabricar hums muros
 Mas eu não sei para quem.

9.

Quem muitos annos durar
 Hade ver conzas indignas,
 Tocar-se haõ muitas bozinas
 Por hommems peixes de má.

10.

Todo o mundo grita, e berra
 Cada qual no seo officio,
 Pois antes que hum beneficio,
 Querem, peste, fome, e guerra.

11.

Quando furo com a Suvella
 Coiro groço, e Macio,
 Vejo prender no Rocio
 Quaze toda a parentella.

12.

Eu tenho medo da morte
 Como couza superior,
 O Presbitero maior
 Não háde tornar à Corte.

13.

Annos hãode vir à terra
 Emque por nossos peccados,
 Nas cazas fiquem os gados
 As gentes vivaõ na Serra.

14.

Sempre como os meos feijoeira
 Quando vem bem temperados,
 Vejo no templo os Copados
 No Cural os Cappellaens.

15.

Son Sapateiro, mas Nobre
 Com mui pouco Cabedal,
 Etu triste Portugal
 Quando mais rico, mais pobre.

16.

O (A) que ponho às avessas
 Com a perna atraz levantáda,
 Háde ter a mão armàda
 Para degollar Cabeças.

17.

Quando a terra dos Falcoens
 Certa erva produzir,
 Creio se háde conceguir
 O deitar fóra as Lezoens.

18.

De hum brazeiro mui acezô
 Dandolhe o vento ligeiro,
 Se háde forman hum pinheiro
 Sem ter medida, nem pezo.

19.

O Carro que vai chiando
 Por hir muito carregado,
 Sim mostra o jugo pezado
 Mas não tira pezo andando.

20.

A Horteta na Panella

Dizem que lhe dá bom gosto,
Essa mulher de bom rosto
Não ouço rusnar bemdella.

21.

Hespanha muito medroza
A Europa muito enfadada,
Huma mulher de almofada
Sabe como huma rapoza.

22.

As linhas comque cozia
Já não como as de agora,
Temo que se deite fóra
Quem Souber a Ave Maria.

23.

Na era que eu tenho ditto
Nas Thezoiras levantadas,
Se haõde ver muitas jornadas
A' custa do São Benito.

24.

Naõ podé haver couza boa
Aonde Habita o mal Francez,
Temo o polho Portuguez
Em poder de huma Leoa,

25.

Quando o Leão Hispanhol
 Vier quase a Portugal,
 Háde ser o nosso mal
 Querer luzir como o Sol.

26.

Quando a neve como braza
 Todas as plantas queimar,
 Dous quiutos se haõ de ajuntar
 Sem haver jogo na caza.

27.

Em hum lugar mais amieno
 Cercados de mares groços,
 Vive por peccados nossos
 Quem se sustenta com feno.

28.

Sempre vem de monte, a monte
 As agoas das enxorradas;
 E vejo testas coroadas
 Sentadas sobre huma ponte.

29.

Quando tiverem por certó
 Perdida toda a esperança,
 Portugal terá bonança
 Na vinda do Encuberto.

30.

Vejo vir pello mar largo
 Como quem vem para dentro,
 Hum hommem buscar seo centro
 Depois de hum grande lethargo.

31.

Quando me matar S. Jorge
 E Marcos me reçusitar,
 São João me exaltar
 Faça todo o mundo alforge.

32.

Os pez da minha trepéça
 Conta trez vezes areio,
 Ajuntalhe dous, e meio
 Dizelhe. que apareça.

33.

Naõ podeis fazer queixume
 De deixar o vosso lár,
 Que se do norte ventar
 Do Sul vos virà o lume.

34.

Vejo a grifa parideira
 Juntada com huma Serpente,
 E vejo que muita gente
 Tem disto grande canceira.

35.

Vejo o Leão, e a Serpente
 Atraz da gente goleima,
 Grita o gallo que ateima
 Com o Lobo que tem diante.

36.

Já vejo grande mofina
 No porqueiro de Sequem,
 Que o gado todo está bêm
 Com o Ovilheiro de Dina.

37.

Vejo a Lua ensanguentada
 Pella virtude do Enonbarto,
 Se está longe, ou se perto
 Assim o diz a toada.

38.

Lá vem por cima do már
 Hum Cavallo de madeira,
 Que fará n'huma pocira
 O porco que hàde granhar.

39.

Vijo pedras ajuntar
 Lá muito perto da Lua
 Vejo subir de huma, e huma
 E nellas o Sol entrar.

40.

Vejo pello meo Telhado
 No Ceo grande resplendor,
 Se hé alegria, ou temer
 Esdras o tem declarádo.

41.

Vejo o Almocreve tomar
 As Alamanhas antigas,
 Vejo nascer das ortigas
 A remente là do mar

42.

Là donde o Sol vem nascendo
 Hum Dragaõ vejo vir vindo,
 A seo Cabo vem correndo
 Mais bichos que o vem seguindo.

43.

O primeiró depois do quinto
 Filho d'Aguia levantada,
 Hade estender sua Espada
 Sobre a Galia faminto.

44.

Vejo sahiras Gaivotas
 De dentro do nosso Tejo,
 Taõbem parece que vejo
 As duas por ellas rotas.

45.

Sonho que rebentaõ fontes
 Da terra da Promiçaõ,
 E que os Gallos de Siaõ
 Vaõ fugindo até os montes.

46.

Naõ canta o Gallo com penna
 Asaguias charaõ mofina,
 A serpente encrespa a clina
 Porque Deos assim o ordenna.

47.

Faremos dos dias noites
 Vivendo como agrestes,
 Havarà castigo, eaçoutes
 Cada hum sefaça prestes.

Fim da quinta parte.

Sexta parte das Trovas de
Bandarra.

1.

Sonhei que via hum fumo,
Com grande força sahir,
E deixando de Subir,
Hum altar vi no escuro:
Formava taõ forte muro,
Que estava o Altar cuberto;
Vi a hostia naõ mui perto,
Do tal Altar arredada:
Huma cara sublimáda,
Em ella vi por mais certo.

2.

Pareceme que erescia,
Quem assim o figurava:
Taõbem sonhei me pegava,
Quem mulher me parecia:
E que com voz me dezia,
Anda ver a terra nova,
Pella maõ levou-me à cova,
Levava bello vestido,
Aí nuvens eu fui subido,
Onde vi a gente toda.

3.

Negra, e amolatáda,
 Logo à terra baldeando,
 Arespiraçã faltando
 Eu daqui já não quis nada,
 Para a terra de paneada
 Me trouxe a tal mulher,
 Athé alcancei dizer
 Vou segunda vez à terra,
 Logo vinha resta era
 E tornava a aparecer.

4.

Parecia a meo ver
 Nova Igreja figurada,
 Por hereges desterráda,
 Na quella terra a tremar,
 Quem Herege quizer ser
 Ficará negro, ou molato,
 E terá todo o máo trato
 Por fugir da boa Ley,
 No Inferno sua grey
 Para tráz darà o Salto.

5.

Taõbem sonhei que a nuvem
 Cobria a gram redondeza,
 Mui medonha, e espeça
 Taõbem raios que dertroem,
 A quem a falça Ley tem,
 E depois vi aclarar
 Com hum claraõ singular,
 Em dia de huma Senhora
 Em fe seguinte boa hora,
 Seu nascimento sempár.

6.

Em sonhos vi grorde armáda
 Ea Lua, em rosso Tejo,
 Ficandolhe o Sol por baixo
 De huma Torre armáda,
 Moiros tiveraõ entráda
 Pella terra de christaõs,
 Na Igreja vi estes mãos
 Hum exercito Francez,
 Taõbem entrou destavez
 Acompanhádo dos Mãos.

7.

Pella terra veio entrando
Athé se perder de vista,
Com grande préça, e cobiça
Toda a vinhaõ derrotando,
Taõbem os Moinos chegando
Com grande astúcia, e préça,
Vinhaõ buscando a Cabeça
A huma Cidade Real
Pouco cuida Portugal,
Em ó mal que lhe aconteça.

8.

Parece que estou ouvindo
Nesse mar a gran tormenta
Antes que chegue os Setenta,
Caxas, Ballas, barberinhos
Entaõ hé que virà vindo
O Grande pastor Geral,
Acudir a taõ graõ mal,
Dando às Ovelhas sustento
E taõbem o Sacramento
Viva o nosso Portugal.

9.

Poucos tempos paçaraõ
Segundo as Profrecias,
Em os Sinaes destes dias
Outros que cedo viraõ
Huma Gran tribulaçaõ,
Mas ao depois verà
A volta que tudo dà,
Chegando logo a vencer
No mundo todo o poder
Na Igreja ficará.

10.

Em todas reste tuida
Com maior veneraçãõ,
Só nella tem o Christaõ,
Gloria na eterna vida
Mas ai que a vejo cahida
Que primeiro vem chegando
Os boms largando o mundo,
Outros morrendo à preça
Outros perdem a Cabeça,
Muitos disso võo folgando.

11.

Tanto Sangue pello campo
 E tanto morrer na rua,
 Tantos deixaõ vida sua
 Por guardar o nome Santo,
 Nem da mulher o manto
 Terà respeito ou favor,
 Já nenhum lhe tem amor
 A essa profanna vaidade,
 Quando virem a Cidade
 Posta no maior horror.

12.

Já de França serà ferto
 Quem à França quiz andar
 Nunca mais andem trajar,
 Tomàra não ter o fato:
 Paga o povo por ingrato
 O desprezo que tem feito,
 Da Patria do minho aceito
 Dando rédias aõ profanno.
 Teraõ o seo desenganno,
 Com o Vestir mais perfeito.

15.

Com Sangue, Boubó, e Deshonra
 Com mortes, e Vitupérios,
 Fomes doenças, e Guerras,
 Querendo acabar a terra
 Com mui grande alarido,
 Todos ficaraõ com sentido
 Com o mal não esperado
 Serà prezo o Diabo
 Porque entaõ tudo hé acabado
 Eo morto serà vivo.

14.

Era taõbem logo chega
 Que a todos de asento,
 Serà fim este tormento,
 Quem com bonança navéga
 Entaõ armáda mais féra,
 Livranos do Inemigo,
 Com bom valor, e abrigo
 O Beato Saõ Joaõ
 Em seo dia nos dá amaõ,
 Eo Incoberto vivo.

15.

Quem destruir os do Norte
 Eos Moiros deitar fora,
 Matandolhe a gente'toda
 Em Cacilhas forà côrte
 Lá vereis o estandarte
 Coni as quinas aconado
 E emtaõ vereis mostrádo
 Em sima o bom Jezus,
 E taõbem a Santa Cruz
 Para vencer o Diabo.

16.

Veremos o mar vermelho
 Sem hir a Jerusalem,
 A qui veraõ os que tem
 Tomádo o meo concelho,
 Em si proprio o espelho,
 Muito Sangue em si correndo
 Mas quem fôr obedecendo,
 Passará sobre o mar
 Sem que precize nadar,
 Verà o maior portento.

17.

Em Cassilhas a Bandeira
 Com estandarte Real,
 Logo Herages por seo mal,
 A morte tem de Carreira
 Terà este na Simeira
 Hum Cristo erucificádo,
 Verà o povo malvado
 O quaõ cego tem vivido,
 Em terem perceguido
 Ea muitos marterizádo.

18.

O Moiro, Tureo, Francez
 Naõ poderaõ fugir todos,
 Porque muitos seraõ mortos
 As mãos do bom portuguez,
 Là levarao desta vez
 Novas aos seus que contar,
 Quando virem em portugal
 O Encuberto declarado,
 Castigando todo o estrago
 Que elles vieraõ cauzar.

19.

Nenhum remédio lhe sinto
 O Não vireá melhor fôra ,
 Venha sem em boa hora
 Quem ao lobo faminto ,
 Lhe ponha em sangue tinto
 Por essas ruás no chaõ ,
 Bandeiras em confucaõ
 Flores , Barretes , e Capas
 Deste bom Rey nada escapa ,
 Viva o Graõ Sebastião.

20.

Sonhei que via vencer
 As quatro partes do mundo ,
 E que Portugal a tudo
 Hia dando que fazer ,
 E taõbem fazendo ever
 O Evangelho , e a Cruz
 Ao povo falto de luz ,
 Sacramento eterno dia
 Taõbem a Virgem Maria
 Todos com o bom Jezus.

21.

Sonhei que o Sacramento
 Em todo o mundo em redondo,
 Já das almat será dono
 Isto maior portento,
 Taõbem graõ contentamento,
 Em ver os Reys me cauzou
 Que na geraçã dotou,
 Lá de Affonço o primeiro
 Thé trinta o derradeiro,
 Onde o primeiro acabou.

22.

Por humgrande oppozitor
 Depois da linha acabada,
 Este farà derrotada,
 A Igreja com horror,
 A' besta mete pavor
 Em trez, e meio de dura
 Tanta gente à Sepultura,
 O Martir gloriozo
 Por fugir do tenebrozo,
 A seguir a Virgem pura.

23.

Por mil, eduzentos annos
 A Igreja reinarà,
 Já todo o Christaõ serà
 Vivendo como irmãos,
 Nem trapaças nem enganos
 Debaixo de huma cabeça,
 No seo Império, e pastor,
 Por Sebastiaõ Senhor
 A quem tudo obedeça
 Com Zelo, e grande amor.

24.

Este Rey de Deos guardado
 Para limpeza do mundo,
 De talsorte potà tudo
 Que deos seja venerade,
 Em portugal exaltado
 De pequeno graõ Senhor,
 Os mais todos com Pavor
 Logo o haode coroar,
 Por Imperador sempór
 Ao depois do Creador.

25.

Sonhei que via descer
 Hum Anjo em huma nuvem
 Mostrando que já destroe
 Quem Herege quizer ser,
 Daqui vem a entender
 Pella voz que lhe ouyi
 E com furor disse assim,
 “Morra o Blasfemador
 “De Ley do bom Redemptor,
 “O Prencipio desde aqui.

26.

Taõbem a Lua correndo
 Sonhei que avia vir
 Por trez vezes a cahir,
 E Portugal perecendo
 A isto o que euentendo
 Que figura muito moiro,
 Viudo a buscar o oiro,
 E mais riqueza notoria
 Fazendo perder a gloria,
 A quem delle foz thezoiro.

27.

Quantos destes vão roubando
 Ai quando virem chegar,
 Muitas Náos em este mar
 E gente em terra botando
 Entaõ ouviraõ o bando,
 Mata, fere, e degolla,
 Ficando a gente tolla
 Tao tella, como pasmáda
 Ea terra derrotáda
 Pereguida a toda a hora.

28.

Morem, e ficaõ Catholicos,
 Hums morrem, outros pelejaõ
 Outros depreça despejaõ,
 O melhor que guardaõ vivos,
 Já fallaõ Leaes amigos
 A imgratidaõ sobeja,
 E alguns comgrande inveja,
 Sò cuidaõ em bem furtar,
 Nenhum yuer a tuvar
 O Mal que tanto sobeja.

29.

Nenhum vemidió se sente
 Sem ter meio de Apellar
 Nem na terra, nem no Mar,
 Vendo prêza maior gente
 Omais alto delinquente,
 Não ficará sem castigo
 Quem muito prende taobem
 Será prezo, e cativo,
 Pezarlhe há de servivo
 Estando só sem ninguém,

30.

Nas armas pèga a mulher
 Taõbem entra em Corcelho,
 Entao acode o bom Valho
 Sebastiaõ hádeser,
 E tudo em seo poder
 Ficarà com graõ limpeza
 Ou Magestade, Alteza
 Ben livras do Cativoiro
 Lobo se torna, em Cordeiro
 Em paga da tal Fineza.

31.

Contra graõ Senhor se ergue
 Cóm furia, Asturia, e Manha,
 Esparta, forte, Companhia,
 De seo maior mal lhe serve,
 Taõbem quem ajuda perde
 Hora, fazenda, e Vida,
 Depois de no mar vencida
 E na terra maioé risco,
 Sepultado no abismo
 De todo serà perdida.

32.

Perde Braga, vence o Porto
 E todas serã entradas,
 Em o fogo das pancadas
 Em Bahia grar dectroço,
 De Lagos fica bem pouco
 Lisboa já hé Senhora,
 De cativa deffençora
 Da Ley que haõde guardar,
 Os que se querem salvar
 E morrer em boa hora.

35.

Viva o grande Portugal
 Todos saltaõ de contentes,
 Mulheres com seos parentes
 Ficaõ livres do graõ mal,
 Veja agora cada qual
 De que sorte poem a vida,
 No levantar da eahida
 Tem o vemido namaõ,
 Quem cuidar em bom Christaõ
 Sua alma serà subida.

34.

È todo o mundo sугeito
 A esta naçaõ portugueza,
 Por aquella grande Alteza
 Que Christo tem em seo peito,
 Por lhe ser o mais aceito
 Na Fé, Constancia, e Valor,
 Peregrimo, e Senhor
 Gram trabalhos padecendo,
 Em fortaleza padecendo
 Em o mundo grão valor.

35.

Em humildade, e esperança
A maior que já se viu,
Com caridade subio
Ao lugar que logo alcança,
Justiça com temperança
Na prudencia o primeiro,
No castigo o derradeiro
Esperando a Sugeição,
Logo chega o pagaõ
A ser Christaõ verdadeiro.

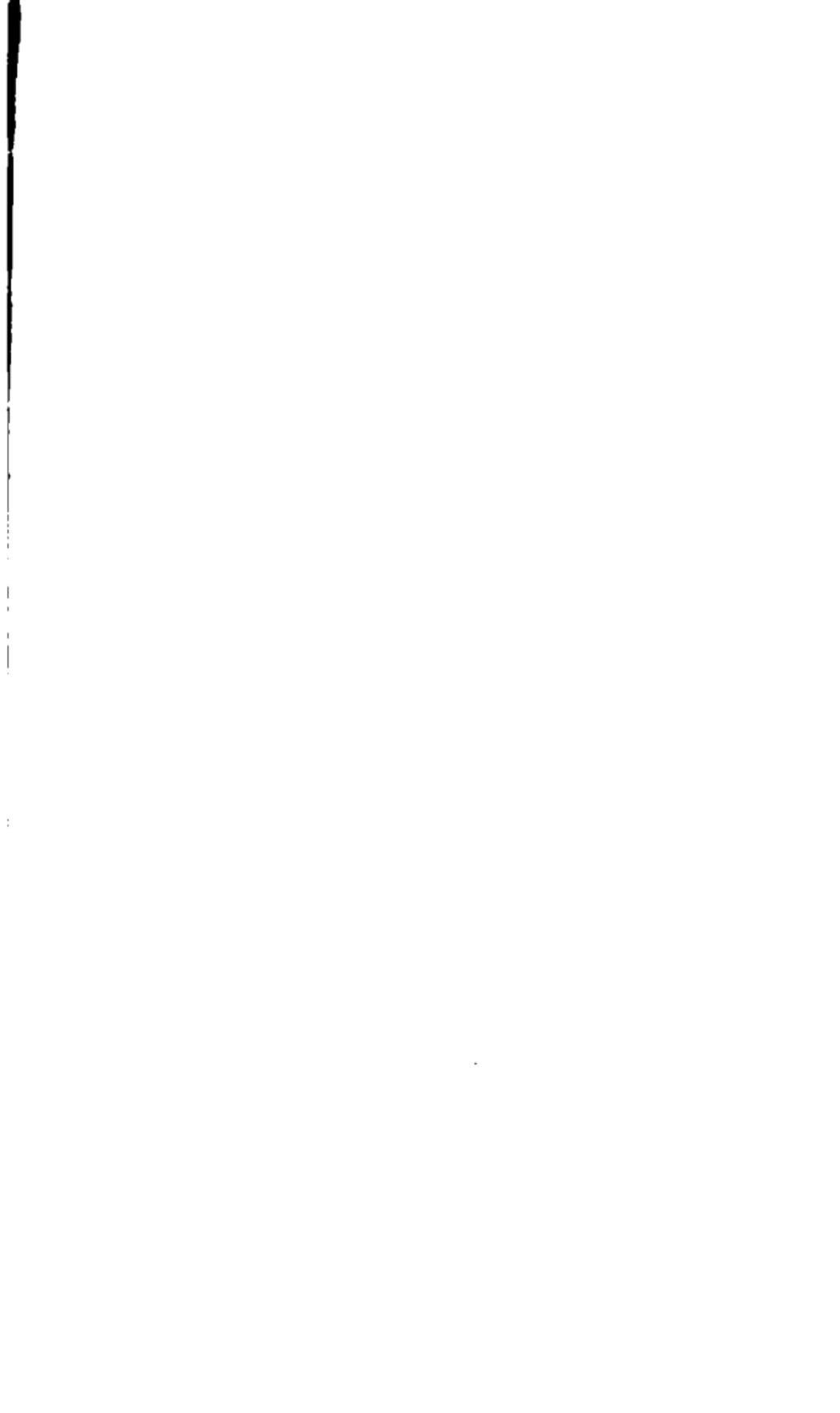
36.

Portugal fica mais nobre
Em todo elle o poder,
E taõbem se hádever
Ficar rico, o que foi pobre,
Aquelle a quem a fé cobre
Firme na Santa Igreja,
Todos lhe teraõ inveja,
Quando virem Portuguezes
Vencendo Turcos, Francezes,
E Moiros, em graõ Peleja.

Dois descendentes que traz
 De grande Valor, e Brio,
 O Mais velho em Senhoria
 Porá a guerra, em Paz,
 Veraõ todos o que faz
 De boms na Santa Igreja,
 A força lhe tem inveja
 A Fortuna, e augmento,
 Fará pârto o Sacramento
 Oude toda Christaõ seja.

O Pastor mór cedo falta
 Seo descendente reinando,
 E grande castigo dando
 Aos vezinhos de Malta,
 Quando Veneza se exalta
 De França hé Malograda,
 Cauzará nestapancada
 Entre os seos naturaes,
 Seraõ os castigos taes
 Que toda seja arrazada.

Fim da Sexta Parte.







Vet. Port. III A. 38

~~324 d. 22~~

